

No café Âncora d'Ouro, no Porto, também se canta o fado e não fica um lugar vazio

Público, Mariana Correia Pinto, 22 de Agosto de 2011

António Lopes sentou-se à mesa, sorriso na cara. Tinha o ar satisfeito de quem acaba de ser aplaudido de pé. Passa pouco das 17h00 e há fado no conhecido Café Âncora d'Ouro (o "Piolho"), há amantes de fado, não há uma mesa vazia. A iniciativa *Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real*, inserida no programa Manobras no Porto, é essencialmente isto: um meio de dar voz às pessoas, de as pôr a cantar o Porto através do fado.

Chamam-lhe fado vadio - é o fado sem filtros, sem requisitos mínimos de voz, do povo e para o povo -, mas António Lopes, uma das muitas pessoas que acederam ao convite para cantar, gosta pouco da etiqueta. Dizem vadio e parece-lhe que o desvalorizam: "É como se não transmitíssemos uma mensagem, como se fosse inferior".

Ricardo Alves assegura que não é o caso e fala deste projecto como prova disso. O fado vadio é uma espécie de "karaoke do fado" - menos profissional, provavelmente, mas mais perto do povo, seguramente. "Vê-se, aliás, pela quantidade de pessoas que cá estão", diz um dos organizadores da iniciativa, enquanto gira a cabeça para o café da Praça de Parada Leitão. "É uma comunidade quase subterrânea de fado vadio, com uma tradição muito antiga na cidade", de gente que se junta nos cafés, restaurantes e tascas para cantar.

Foi esta certeza que levou Ricardo Pons, co-autor do projecto, a investir nele. O programa já está no terreno e prolonga-se até ao final de Setembro: são quatro sessões de fado vadio (...).

No "Piolho", os computadores portáteis e apontamentos com que os estudantes costumam ocupar as mesas deram lugar aos lápis e aos papéis. O desafio é claro: escrever sobre o Porto.

António Tavares tem o ar concentrado de quem recua a tempos antigos. As histórias no "Piolho" - "livros, estudo e convívio" - ficaram registadas. Dali poderia também nascer um poema, depois musicado. E para quem não está familiarizado com a "escrita de poesia para música", explica Daniel Pires, existem as sessões de escrita criativa do bar-galeria Maus Hábitos. Sobre o que escreveram os portuenses na primeira sessão? "Sobre a cidade, sobre os nossos mitos e histórias mais importantes", conta o responsável pelo espaço.

É ao lado da guitarra portuguesa de Paulo Gomes e da viola de Nel Garcia que António Terra, também apresentador da sessão, assume a responsabilidade da primeira música. E começa com o que se queria ouvir por ali: "Meu Porto, minha cidade", diz o primeiro verso do fado logo atropelado por aplausos, "trocas os "vês" pelos "bês", dizem outros na chacota".

Norte versus Sul

O que se espera do fado vadio é isto: que seja um espelho do que de mais característico há na cidade. Mas não só. António Lopes assume. E leva na voz uma espécie de capítulo extra da questão, já batida, da rivalidade entre Norte e Sul: "Portugal não é Lisboa, como se diz tantas vezes, Portugal é toda a terra onde nascem portugueses".

(...)